

MEIO AMBIENTE III DESATERRO

Projeto prevê uso industrial do Delta

Ideia apresentada pelo Ciesp à Prefeitura propõe instalar cerâmica e produzir tijolos a partir do lixo

Edital para novo contrato deve sair nos próximos dias

É a terceira vez que Ciesp e Remodela levam a proposta à Prefeitura. A ideia, dizem, é sempre bem recebida, mas que não deslancha. Dessa vez, disse o diretor regional do Ciesp, José Nunes, há expectativa de que o projeto poderá ser incluído no plano municipal de resíduos sólidos para que a cidade possa unir esforços para solucionar o problema do lixo.

Com o material do desaterro, depois de um processo de descontaminação, é possível fazer pelo menos cinco modalidades diferentes de tijolos, que poderiam ser empregados em programas habitacionais oficiais. Além disso, é possível fazer placas de isolamento, de larga utilização pela indústria; areias artificiais, cargas para tintas, giz e vários outros produtos.

“Da forma como está, o Delta não pode continuar e temos muito a contribuir para aumentar a capacidade do aterro e reduzir o volume de lixo depositado na área. A fórmula é o desaterro e a implantação de empresas de reciclagem, tornando as cooperativas em micro e pequenas empresas formalizadas e assim acabar com os intermediários que ficam com todo o lucro do lixo”, afirmou.

O secretário de Serviços Públicos, Ernesto Paulella, disse que tem interesse em conhecer o projeto e que a proposta de ter uma indústria de reciclagem e um projeto de desaterro, que na linguagem técnica se chama remediação, é “excelente”.

Com a nova configuração da gestão do lixo e a adoção do Plano Nacional, o aterro, se continuar em funcionamento, deve receber uma quantidade menor de resíduos a partir de 2014. Só poderá ser enviado para o local o material que não puder ser reciclado.

A Prefeitura espera resposta a um pedido feito à Cetesb para elevar em mais dez metros a altura do lixo depositado no Delta A e tentar garantir com isso mais um ano de sobrevivência para o aterro. Mas a proposta é criticada por ambientalistas, que pedem o encerramento imediato do aterro e a adoção de uma proposta de gestão mais eficaz e correta para o lixo de Campinas (leia texto nesta página). “O que estamos propondo é exatamente o contrário. Em vez de aumentar a altura, nós queremos tirar o lixo que es-

tá lá”, disse o presidente da Cooperativa Remodela e diretor da Associação de Cooperativas de Reciclagem, Sidney Morelli.

Área

O entrave para a implantação do projeto está na necessidade de concessão de uma área de 100 mil m² ao lado do aterro. A área é particular e precisaria ser desapropriada. Nunes acredita que seria viável implantar o polo dentro do aterro.

Paulella tem dúvidas, no entanto, se a agência ambiental aprovaria a implantação de um complexo de reciclagem dentro do aterro com muitas pessoas traba-

lhando, porque o local é de permanência limitada em função de ser uma área contaminada — o gás e o chorume estão presentes. “A remediação é uma ótima ideia, mas complicada de se fazer porque vai interferir na célula do lixo que ainda está gerando gases e chorume. É um assunto tão sério que tem que fazer Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA-RIMA)”, disse.

De acordo com o secretário, o desaterro serviria para maximizar o aterro porque já é uma área impactada. “Sempre defendi que devemos exaurir a capacidade do aterro”, afirmou.

2,5
POR CENTO

É a participação de reciclagem entre o total de lixo coletado.